

A Exposição África Negra (1988): interseções entre design e cultura popular na obra de Lina Bo Bardi

Yasmin Bicalho Lanza (PIC/UEM), Andre Felipe Batistella Souza (Orientador)
Cristina do Carmo Lucio Berrehil El Kattel (Coorientadora)
E-mail: ra134648@uem.br, afbsouza@uem.br e cclucio@uem.br

Universidade Estadual de Maringá, Departamento de Design e Moda, Cianorte, PR.

Ciências Sociais Aplicadas – Arquitetura, Urbanismo e Design

Palavras-chave: Lina Bo Bardi; expografia; cultura afro-brasileira;

RESUMO

A Exposição *África Negra*, realizada em 1988 no Museu de Arte de São Paulo (MASP), constituiu-se como desdobramento do Projeto Bahia-Benin e como marco simbólico de aproximação cultural entre Brasil e África. Idealizada por Lina Bo Bardi em parceria com Pierre Verger, reuniu oitenta e oito peças de arte africana provenientes de instituições internacionais e coleções particulares brasileiras, configurando-se como gesto de valorização das matrizes afro-brasileiras na cultura nacional. Este trabalho tem como objetivo analisar a interseção entre design e cultura popular na concepção da mostra, a partir de pesquisa qualitativa, bibliográfica e documental, baseada em catálogos, registros visuais, matérias jornalísticas e estudos críticos. Os resultados indicam que a expografia proposta por Lina rompeu com modelos museológicos tradicionais ao adotar uma disposição horizontal e não hierárquica dos objetos, cercados por folhas de coqueiro trançadas e tecidos africanos, elementos que remetem ao universo ritual afro-atlântico. Além disso, a incorporação de apresentações performáticas ampliou a dimensão da exposição, aproximando-a da experiência de um terreiro e reforçando sua dimensão simbólica. A recepção da imprensa destacou o evento como “ritual de retorno às origens”, evidenciando seu caráter político e diplomático. Conclui-se que a mostra exemplifica a interseção entre design e cultura popular na obra de Lina Bo Bardi, projetando o design como prática crítica e decolonial, comprometida com a valorização da ancestralidade e das identidades coletivas.

INTRODUÇÃO

A Exposição *África Negra*, realizada em 1988 no Museu de Arte de São Paulo (MASP), constituiu-se como um marco simbólico do Projeto Bahia-Benin, iniciativa de intercâmbio cultural entre Brasil e África. Idealizada por Lina Bo Bardi, em parceria com Pierre Verger e outros agentes culturais, a mostra apresentou oitenta e oito objetos africanos provenientes de instituições internacionais e coleções particulares, configurando-se como espaço de valorização das matrizes afro-brasileiras na cultura nacional (Araújo Filho, 2017; Perrotta-Bosch, 2021).

O presente trabalho tem como objetivo analisar a interseção entre design e cultura popular na concepção e montagem da referida exposição, compreendendo-a como experiência singular na trajetória de Lina Bo Bardi. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter bibliográfico e documental, apoiada na análise de catálogos, registros visuais e textos críticos relacionados à mostra. O recorte delimita-se ao estudo da expografia desenvolvida no MASP, entendida como prática que desloca a museologia tradicional e estabelece vínculos com universos rituais afro-atlânticos e com a materialidade da cultura popular brasileira.

Como aporte teórico, mobilizam-se autores que discutem a obra de Lina e sua relação com a cultura popular, bem como estudos que tratam da presença africana na formação cultural do Brasil, a exemplo de Zeuler Lima (2021), Araújo Filho (2017) e Perrotta-Bosch (2021). A partir desse referencial, busca-se demonstrar como a exposição se constituiu como um rito de afirmação identitária e como crítica às narrativas eurocêntricas, situando-se no campo expandido do design.

MATERIAIS E MÉTODOS

A pesquisa foi desenvolvida a partir de um procedimento qualitativo, de caráter bibliográfico e documental, voltado à análise crítica da Exposição África Negra (1988). Como fontes primárias, foram considerados o catálogo da mostra, registros visuais preservados no Acervo do Instituto Bardi, bem como matérias jornalísticas da época, como a publicada no Jornal do Brasil em 13 de maio de 1988. Esses materiais forneceram subsídios para compreender a expografia, o contexto político e a recepção pública do evento.

No âmbito bibliográfico, foram mobilizadas obras que discutem a trajetória de Lina Bo Bardi e sua relação com a cultura popular e as matrizes africanas, como Araújo Filho (2017), Perrotta-Bosch (2021) e Lima (2021). Esses textos permitiram situar a exposição dentro de um projeto maior de aproximação simbólica entre Brasil e África, além de oferecerem suporte teórico para interpretar a proposta expográfica em chave crítica e decolonial.

A análise consistiu na descrição e interpretação da montagem expositiva, destacando o uso de materiais naturais, a organização espacial e a incorporação de elementos rituais como parte da concepção de design. Esse procedimento possibilitou compreender de que modo Lina Bo Bardi articulou expografia, cultura popular e ancestralidade africana, estabelecendo um modelo de curadoria que questiona a museologia eurocêntrica tradicional.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Exposição África Negra apresentou uma expografia marcada pela simplicidade formal e pela densidade simbólica. Os 88 objetos, dispostos em vitrines de vidro sobre bases padronizadas, foram organizados de modo a evitar hierarquias, criando uma leitura horizontal e aberta ao visitante (Araújo Filho, 2017). Essa configuração rompeu com a lógica eurocêntrica de classificação e sequenciamento,

propondo em seu lugar um arranjo rítmico e sensorial que estimulava a circulação livre pelo espaço expositivo.

Para além da disposição dos objetos, Lina Bo Bardi incorporou elementos da cultura popular e ritual afro-atlântica: folhas de coqueiro trançadas foram fixadas em suportes de concreto ao redor das vitrines, instaurando um perímetro simbólico que remetia diretamente aos terreiros de candomblé. A inclusão de tecidos africanos suspensos do teto ao chão ampliava essa atmosfera, evocando tanto a corporalidade dos panos de axé quanto a estética performativa das tradições africanas (Perrotta-Bosch, 2021; Lima, 2021).

Essa escolha expográfica evidenciou uma recusa à neutralidade museológica, instaurando um ambiente imersivo no qual os objetos não eram tratados como simples artefatos, mas como portadores de presença e ancestralidade. A iluminação pontual, feita com lâmpadas de filamento, reforçava a atmosfera ritual, aproximando o espaço expositivo da ideia de um terreiro.

A relevância desse arranjo pode ser observada no próprio uso das folhas de coqueiro trançadas entre os expositores de vidro, recurso que materializava a dimensão simbólica da montagem ao aproximar o espaço museológico dos gestos e significados da arquitetura popular afro-brasileira. Esse elemento natural, articulado à disposição horizontal dos objetos e à presença dos tecidos africanos suspensos, reforçava a recusa de Lina à neutralidade museológica, transformando o espaço em ambiente de imersão e ancestralidade.

A Exposição África Negra também transcendeu os limites de uma mostra museológica convencional ao incorporar apresentações performáticas de matriz africana, que consolidaram o evento como um verdadeiro rito público de afirmação cultural. Nessas ocasiões, autoridades brasileiras e africanas compartilharam o espaço expositivo como ambiente de celebração e diplomacia cultural, configurando um gesto simbólico de reconhecimento das matrizes africanas na cultura nacional (Perrotta-Bosch, 2021).

Esse caráter performático aproxima a exposição da experiência do terreiro, em que corpo, gesto e som são elementos indissociáveis da ativação da memória e da ancestralidade. A montagem de Lina Bo Bardi, portanto, não se limitou a expor objetos, mas criou as condições espaciais e simbólicas para que eles fossem experienciados em sua dimensão ritual. Ao fazê-lo, a arquiteta atribuiu ao design um papel político, capaz de afirmar identidades e resistências.

A presença de autoridades do Brasil e do continente africano, lado a lado, reforçou esse aspecto diplomático. O evento constituiu-se como gesto de aproximação simbólica entre países, mas também como reconhecimento das matrizes africanas na cultura nacional. Assim, a mostra projetou o design para além da dimensão estética, transformando-o em instrumento de mediação cultural e afirmação política (Araújo Filho, 2017; Lima, 2021).

A recepção da Exposição África Negra na imprensa brasileira reforçou sua dimensão simbólica e diplomática no cenário cultural. Reportagem publicada no Jornal do Brasil, em 13 de maio de 1988, destacou que a mostra era “muito mais do que uma simples exposição: [...] um ritual de retorno às origens”, sublinhando seu caráter de reencontro entre o Brasil e suas raízes africanas. A matéria ainda

ressaltou a presença de autoridades tradicionais africanas e intelectuais brasileiros, situando o evento como marco de reconhecimento público das matrizes afro-brasileiras (Araújo Filho, 2017).

Esse enquadramento midiático ampliou o alcance político e cultural da exposição, legitimando-a como gesto de valorização da herança africana no Brasil. Ao enfatizar a mediação de Pierre Verger e a centralidade da Casa do Benin e do Projeto Bahia-Benin, a imprensa posicionou a iniciativa como parte de um movimento mais amplo de afirmação identitária e diplomacia cultural. Assim, África Negra consolidou-se não apenas como experiência estética, mas como acontecimento histórico capaz de tensionar paradigmas museológicos e de fortalecer a presença africana na narrativa cultural brasileira (Perrotta-Bosch, 2021; Lima, 2021).

CONCLUSÕES

A análise da Exposição *África Negra* (1988) evidencia como Lina Bo Bardi concebeu a expografia como um dispositivo de articulação entre design, cultura popular e ancestralidade africana. Ao adotar materiais simples e carregados de significação — como folhas de coqueiro trançadas e tecidos africanos — e ao propor uma disposição horizontal e não hierárquica dos objetos, a arquiteta rompeu com modelos museológicos tradicionais e construiu um ambiente imersivo, voltado à experiência sensorial e simbólica.

Mais do que uma mostra de artefatos, *África Negra* constituiu-se como rito público, em que o corpo, o gesto e a performance ampliaram a dimensão política da exposição. O encontro entre autoridades brasileiras e africanas, aliado à recepção positiva na imprensa, reafirmou o evento como marco de diplomacia cultural e de valorização das matrizes africanas na cultura nacional.

Conclui-se, portanto, que a exposição configurou-se como exemplo paradigmático da interseção entre design e cultura popular na obra de Lina Bo Bardi, oferecendo ao campo do design brasileiro uma perspectiva crítica, decolonial e comprometida com a afirmação das identidades coletivas.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO FILHO, José Joaquim de. **África Seja Aqui: As Casas do Benin, Angola e Nigéria na Cidade do Salvador e Suas Representações de Culturas Africanas**. 2017. 217 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Museologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.

LIMA, Zeuler R. **Lina Bo Bardi: O que eu queria era ter história**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

PERROTTA-BOSCH, Francesco. **Lina: Uma biografia**. São Paulo: Todavia, 2021.

34º Encontro Anual de Iniciação Científica
14º Encontro Anual de Iniciação Científica Júnior



12 e 13 de novembro de 2025